

MARCAS E MOBILIZADORES DE CONSTRUÇÃO DE *ETHOS* NA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO

BRANDS AND *ETHOS*-BUILDING MOBILIZERS IN THE FIRST PERSON DISCOURSE

Renan Paulo Bini

Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
(Brasil)

renan.bini@uesb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-9076-6864>

Aparecida Feola Sella

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná
(Brasil)

afsella1@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-0563-7815>

RECIBIDO: 15/01/2025

ACEPTADO: 10/04/2025

RESUMO

Este artigo propõe a classificação de marcas e mobilizadores da Primeira Pessoa do Singular e da Primeira Pessoa do Plural, utilizados para a construção de *ethos*, em uma escala retórica gradativa, na modalidade escrita da língua portuguesa. Para o *corpus*, foram considerados recortes com ocorrências de primeira pessoa do discurso, presentes em 36 textos, publicados em seis dossiês de 2018, em revistas de cultura e literatura no Brasil e em Portugal. Para a análise, adotou-se a abordagem qualitativa, com uma perspectiva descritivo-interpretativa, sustentada em revisão bibliográfica, considerando estudos da Semântica, da Pragmática, da Retórica e de diferentes vertentes da Linguística. Nos textos analisados, foram identificadas sete marcas vinculadas à primeira pessoa do discurso para a construção de *ethos* e dez mobilizadores de ocorrência, que ancoram, gradativamente, o dito às imagens projetadas pelos produtores.

Palavras-chave: Primeira Pessoa do Singular, primeira Pessoa do Plural, *Ethos*.

ABSTRACT

This article proposes the classification of brands and mobilizers of the First Person Singular and the First Person Plural, used for the construction of *ethos*, on a gradual rhetorical scale, in the written modality of the Portuguese language. For the *corpus*, excerpts with occurrences of the first person discourse, present in 36 texts published in six dossiers from 2018 in cultural and literary magazines in Brazil and Portugal, were considered. For the analysis, a qualitative approach was adopted, with a descriptive-interpretive perspective, supported by a literature review, considering studies in Semantics, Pragmatics, Rhetoric, and different branches of Linguistics. In the analy-

zed texts, seven brands linked to the first person discourse for the construction of ethos and ten mobilizers of occurrence were identified, which anchor the said to the images projected by the producers, gradually.

Keywords: First Person Singular, First Person Plural, *Ethos*.

RESUMEN

Este artículo propone la clasificación de marcas y movilizadores de la Primera Persona del Singular y la Primera Persona del Plural, utilizados para la construcción del *ethos*, en una escala retórica gradual, en la modalidad escrita de la lengua portuguesa. Para el *corpus*, se consideraron recortes con ocurrencias de la primera persona del discurso, presentes en 36 textos, publicados en seis dossieres de 2018, en revistas de cultura y literatura en Brasil y Portugal. Para los análisis, se adoptó un enfoque cualitativo, con una perspectiva descriptivo-interpretativa, sustentada en revisión bibliográfica, considerando estudios de Semántica, Pragmática, Retórica y diferentes vertientes de la Lingüística. En los textos analizados, se identificaron siete marcas vinculadas a la primera persona del discurso para la construcción del *ethos* y diez movilizadores de ocurrencia, que anclan, gradualmente, lo dicho a las imágenes proyectadas por los productores.

Palabras clave: Primera Persona del Singular, primera Persona del Plural, *Ethos*.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo propõe a classificação de marcas e mobilizadores da Primeira Pessoa do Singular (PPS) e da Primeira Pessoa do Plural (PPP), utilizados para a construção de *ethos*, em uma escala retórica gradativa, na modalidade escrita da língua portuguesa (LP). A proposta remete a um recorte de uma pesquisa de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste (Bini, 2023), em que verificamos como a PPS e a PPP são utilizadas para a construção de *ethos* em 36 textos, publicados em seis dossiês de 2018, sendo três sobre personalidades da cultura e da literatura portuguesa, da revista *Nova Águia*, de Portugal (PE); e três sobre personalidades da cultura e da literatura brasileira, da revista *Cult*, do Brasil (PB)¹.

Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa descritiva de caráter exploratório. Para a análise, adotou-se a perspectiva qualitativa, embasada teoricamente em estudos de diferentes vertentes

1 A *Cult* é uma revista mensal brasileira voltada às áreas de arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas e tem a seção fixa Dossiê, desenvolvida não só por jornalistas, mas também por pesquisadores das respectivas áreas de discussão (Cult, 2023), o que confere certo grau de autonomia e de cientificidade aos textos. Já a *Nova Águia* é uma revista semestral portuguesa voltada à cultura e à literatura lusófona, sendo uma homenagem à Águia, uma das mais importantes revistas portuguesas do século XX, e teve a colaboração de célebres escritores portugueses, como Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Raul Proença, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva (Zéfiro, 2020). Também considerando uma seleção de textos publicados em dossiês de 2018, nas revistas *Cult* e *Nova Águia*, foi desenvolvido o artigo de Bini e Sella (2023a), que investiga, especificamente, o *pathos* relacionado a três tipos diferentes de grupos virtuais, ligados à PPP, que envolvem a noção de território e cultura compartilhada em um espaço geográfico. Parte das discussões da tese também motivou a elaboração da obra *Retórica e ensino: estratégias de transposição teórica* (Bini; Sella, 2023b).

da Linguística, da Pragmática e da Retórica. Basicamente, adaptamos as propostas de Benveniste (1991), Fiorin (1995, 1996), Tang e John (1999), Lucchesi (2009), Posio (2011), Manetti (2015), Screti (2015), Marques e Ramos (2015), Stewart (2015), Marques e Duarte (2016), Soares (2016), Fauci (2016), Maurizi (2017), Fowler e Kress (2019) e Taylor e Goodall (2019). Essa base teórica proporcionou a verificação de recorrência de mobilizadores e marcas linguísticas dos fenômenos estudados.

No contexto deste estudo, definimos *marcas de construção de ethos* como elementos linguísticos específicos que identificam a presença do produtor do texto por meio do uso da PPS e da PPP. Essas marcas incluem pronomes pessoais, verbos conjugados na primeira pessoa, pronomes oblíquos e possessivos que, juntos, ajudam a construir uma imagem de si (*ethos*) do produtor. As marcas podem variar em função da intenção do articulista e do efeito retórico desejado, podendo apresentar um caráter exclusivo, inclusivo ou indeterminado. Por *mobilizadores*, referimo-nos a estratégias retóricas utilizadas pelo produtor do texto para ancorar a construção de *ethos* em uma escala retórica gradativa. Esses mobilizadores são ações linguísticas que, ao serem empregadas, ampliam ou delimitam a presença autoral do produtor, conferindo diferentes níveis de poder e influência no texto. Eles podem variar desde a delimitação de autoria até a indicação de reivindicações centradas na credibilidade do articulista. Ou seja, são recursos retóricos que interagem com as marcas linguísticas para modular a construção de *ethos* e a adesão da audiência ao discurso por meio da Primeira Pessoa do Discurso (PPD).

Para o cumprimento deste propósito, na Seção 2, *Dados e metodologia*, explicitamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste estudo. Na Seção 3, *Discussões teóricas sobre o ethos e a primeira pessoa do discurso*, refletimos sobre perspectivas teóricas que fundamentam este artigo. Na Seção 4, *Marcas e Mobilizadores de construção de ethos*, apresentamos nossa proposta de classificação da PPD e análises. A seguir, na Seção 5, constam *Resultados e discussões*, que é seguida das considerações finais e das referências deste artigo.

2. DADOS E METODOLOGIA

O desenvolvimento deste estudo foi motivado pela pesquisa de Bini e Sella (2019), que sugeriu que a PPP pode ser utilizada como um recurso linguístico que movimenta diferentes realizações de *ethos* e modalizações em um dossiê da revista *Cult* de 2017. A pesquisa demonstrou necessidade de ampliação e motivou inquietações se esses fenômenos também se estenderiam, na modalidade escrita da LP, à PPS; e de que forma a PPS e a PPP exerceriam funções retóricas para a realização de *ethos* em um *corpus* ampliado.

Inicialmente, foram selecionados periódicos que possuem proximidade de conteúdos, um no Brasil e outro em Portugal. A busca evidenciou que tanto a *Cult* (Brasil) quanto a *Nova Águia* (Portugal) apresentam textos do gênero dossiê, sobre filosofia, cultura, literatura, entre outros temas relacionados à área de ciências humanas. Optamos pela seleção de seis dossiês sobre personalidades da literatura e da cultura brasileira e portuguesa, sendo três da *Cult* sobre personalidades brasileiras e três da *Nova Águia* sobre personalidades portuguesas, todos publicados em 2018, a saber: *Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (*Cult*, Ed. 231); *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (*Cult*, Ed. 233); *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (*Cult*, Ed. 239); *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (*Nova Águia*, Ed. 21); *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (*Nova Águia*, Ed. 21); e *Dalila Pereira da Costa, 100 anos depois* (*Nova Águia*, Ed. 22).

Cada dossiê é composto por diversos textos, sob autoria de diferentes produtores, e selecionamos para análise todos os que utilizam a PPD (36 textos). O dossiê, conforme Melo e Assis (2016), pode ser considerado um gênero jornalístico interpretativo, veiculado, principalmente, em periódicos especializados e com segmentação de audiência específica, com número extenso de páginas, o que viabiliza amplas discussões sobre um determinado tema relevante.

A escolha do *corpus* para este estudo foi fundamentada na busca por uma representatividade de textos que evidenciam *ethé* na PPD. Optamos por analisar dossiês publicados em 2018 nas revistas *Cult* (Brasil) e *Nova Águia* (Portugal) devido à proeminência e influência desses periódicos jornalísticos em seus respectivos países. Ambas as revistas se destacam por contar com autores de perfil acadêmico e uma audiência suposta de perfil intelectualizado, em virtude das temáticas abordadas, que estão profundamente relacionadas às ciências humanas. A seleção de seis dossiês, três de cada revista, permitiu uma análise mais abrangente das práticas discursivas.

A seguir, foram selecionadas todas as ocorrências das seguintes marcas linguísticas: na PPS, pronome pessoal do caso reto *eu*, verbos flexionados na PPS, pronomes oblíquos *me* (átono), *mim* e *comigo* (tônicos) e possessivos *meu(s)* e *minha(s)*; e, na PPP, pronome pessoal do caso reto *nós*, verbos flexionados na PPP, pronomes oblíquos *nos* (átono), *nós* e *conosco* (tônicos) e possessivos *nosso(s)* e *nossa(s)*, em que essas marcas linguísticas são utilizadas para mobilizar a adesão da audiência por meio da construção de diferentes *ethé*.

No total, o *corpus* apresentou 387 recortes textuais com ocorrências da PPS e da PPP, sendo 141 da *Cult* e 246 da *Nova Águia*. Sobre as ocorrências, verificamos que um recorte pode apresentar mais de uma ocorrência, e até mesmo a flutuação entre a PPS e a PPP, dependendo da intencionalidade do produtor do texto. Neste artigo, apresentamos análises a partir de apenas alguns recortes representativos.

Adotamos a abordagem qualitativa, orientada por uma perspectiva descritivo-interpretativa, sustentada em revisão bibliográfica². Após a reflexão sobre o Estado da Arte, realizamos cinco testes em todos os recortes que compõem o *corpus*. Os dois primeiros testes possibilitaram a constatação da recorrência de alguns fenômenos, e assim observamos a necessidade de adaptação das propostas teóricas. Após a realização de mais três testes, chegamos às propostas apresentada neste artigo (Seção 4): 1) as realizações linguísticas da PPD, neste *corpus*, possuem sete marcas de construção de *ethos*, sendo uma na PPS e seis na PPP; e 2) a aferição de mobilizadores de ocorrência a partir de 10 tipos, em uma escala retórica gradativa. Embora o foco seja a descrição de funções retóricas associadas a marcas linguísticas específicas, ressaltamos que as análises não consideram

2 Além da consulta à bibliografia clássica, realizamos a pesquisa do Estado da Arte a partir das plataformas de pesquisa *Portal de Periódicos Capes*, *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal* (RCAAP). Essa consulta inicial demonstrou a existência de poucas pesquisas que se dedicam, especificamente, à análise do funcionamento argumentativo ligado aos diferentes sentidos da PPS e da PPP em língua portuguesa. Assim, também foram consultadas pesquisas em línguas como o espanhol, o italiano e o inglês. Ressaltamos a importância das plataformas de pesquisa *ScienceDirect* (Elsevier), que possibilitou encontrarmos os estudos de Tang e John (1999), Posio (2011) e Taylor e Goodall (2019); *Padua Thesis and Dissertation Archive*, que possibilitou encontrarmos a tese de Maurizi (2017), além da obra *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios românicos*, organizada por Janner, Costanza e Sutermeister (2015), que reúne uma coletânea de estudos sobre a PPP, no espanhol, no italiano e no francês, em textos de diferentes gêneros, na perspectiva da Pragmática. Também foram consultados os repositórios de pesquisa *Trove* (Austrália), *Theses Canada* (Canadá), *DART-Europe* (União Europeia), *Bielefeld Academic Search Engine* (internacional), *Ohio Electronic Theses & Dissertations Center* (EUA), *University of Michigan Library* (EUA), *Biblioteca Digital de la Universidad de Chile* (Chile), que possibilitou encontrarmos estudos complementares.

apenas o nível linguístico, uma vez que observamos como essas marcas de construção de *ethos* e mobilizadores de ocorrência atuam retoricamente, por isso a análise se insere na Retórica.

Consideramos improvável a possibilidade de que uma única teoria seria capaz de explicar os fenômenos investigados. Assim, para embasar o desenvolvimento deste percurso, consideramos reflexões transdisciplinares, que contemplam diferentes campos de estudo, com produções acadêmicas clássicas e contemporâneas. Em relação às referências que auxiliam na identificação dos sentidos movimentados pela PPS e pela PPP, consultamos, além da perspectiva da Gramática Tradicional, pesquisas da Pragmática e da Semântica, como as de Tang e John (1999), Fiorin (1995, 1996), Posio (2011), Manetti (2015), Stewart (2015), Screti (2015), Marques e Ramos (2015), Marques e Duarte (2016), Fauci (2016), Soares (2016), Maurizi (2017), Fowler e Kress (2019), Taylor e Goodall (2019), entre outros autores. Também foram essenciais os estudos da Linguística Funcional, da Sociolinguística, como Lucchesi (2009) e Lopes (1998) e da Linguística Enunciativa, como Benveniste (1991). Diante da complexidade do objeto de estudo, também há diálogo teórico com estudiosos do discurso, como Amossy (2016) e Maingueneau (2016, 2020). Para a avaliação da tessitura retórica, são considerados, na perspectiva clássica, reflexões de Platão (2015), Aristóteles (2017), Quintiliano (2015), entre outros autores, e pesquisadores contemporâneos, como Mosca (2001), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017) e Mateus (2018), entre outros autores.

3. DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE O ETHOS E A PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO

Nos estudos clássicos, Aristóteles (2017) foi o primeiro³ a constatar a existência de três meios de persuasão: “O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (p. 45). A perspectiva aristotélica fundamentou os estudos da Nova Retórica⁴, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017), que afirmam ser o objeto da Retórica a argumentação persuasiva desenvolvida por meio de um conjunto de procedimentos discursi-

3 Citamos, aqui, Aristóteles, por ter sido o primeiro a abordar conjuntamente a importância do *ethos*, do *pathos* e do *logos*, mas ressaltamos que, segundo Meyer (2007,) são três as principais definições de retórica: (1) a de Platão, “a retórica é a manipulação do auditório”; (2) a de Quintiliano, “a retórica é a arte de bem falar”; e (3) a de Aristóteles, “a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir” (p. 21). Conforme o pesquisador, a definição de Platão influenciou, principalmente, as concepções centradas na emoção e no papel da audiência (estudos com foco no *pathos*). A concepção de Quintiliano motivou reflexões sobre o orador, sua eloquência e a intenção ao que quer dizer (estudos com foco no *ethos*). Já a teoria de Aristóteles motivou observações sobre as relações entre explícito e implícito, literal e figurado (estudos com foco no *logos*). As principais obras que norteiam essas diferentes visões sobre a retórica, e que consultamos para o desenvolvimento deste estudo, são: 1) *Górgias* (Platão, 2015); 2) *Institutio Oratoria* (Quintiliano, 2015); e 3) *Retórica* (Aristóteles, 2017).

4 De acordo com Mosca (2001), os ideais da retórica clássica, principalmente os aristotélicos, são retomados a partir da década de 1960 por Perelman e seus continuadores e pela Retórica Geral ou Generalizada, do Grupo μ de Liège (Bélgica). Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017), o objeto da retórica antiga era “a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que lhe apresentava” (p. 6). Por outro lado, os autores afirmam que não há razões para limitar os estudos da Retórica à argumentação oral. Assim, a Nova Retórica preocupa-se com a estrutura da argumentação, “na maneira pela qual se efetua a comunicação com o auditório” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2017, p. 04), seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita.

vos mobilizados para conseguir adesão da audiência à tese proposta no discurso. Com base em Aristóteles e em Perelman e Olbrechts-Tyteca, Mosca (2001) destaca que o discurso persuasivo, “aquele destinado a agir sobre os outros através do logos (palavra e razão), envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam (*ethos*) e a reação a ser desencadeada nos que ouvem (*pathos*)” (p. 22).

Conforme Amossy (2016), a Retórica pode ser definida como a arte de persuadir. Para a autora, a Nova Retórica concebe “a argumentação como o conjunto de meios verbais pelos quais o orador tenta provocar ou reforçar a adesão de um auditório às teses que ele submete a seu assentimento” (Amossy, 2016, p. 123). De acordo com Mateus (2018), a Retórica “é a disciplina que estuda o modo como nos comunicamos persuasivamente com os outros” (p. 15).

Em relação à noção de *ethos*, a literatura consultada evidenciou que o conceito possui diferentes concepções. Conforme Amossy (2016), em análises retóricas pragmáticas, o termo *ethos* designa o processo de construção de uma imagem de si com o intuito de garantir sucesso retórico. Para Dascal (2016), na Semântica Formal, o *ethos* é “o caráter apropriado a cada tipo de discurso que o orador deve se preocupar em projetar” (p. 57). Já para Maingueneau (2016), na Análise de Discurso, o *ethos* “está ligado à enunciação, não a um ser extradiscursivo sobre o enunciador” (p. 70). As singularidades das classificações são inerentes aos propósitos dos diferentes campos de estudo. Um breve olhar comparativo à Retórica e à Análise do Discurso evidencia que a primeira descreve mecanismos que podem ser mobilizados por um orador, adequando-os a propósitos argumentativos específicos, que podem ser não só analisados, mas também reproduzidos, seja em um tribunal, em um texto dissertativo-argumentativo produzido na Educação Básica ou em um editorial de jornal; a segunda, por outro lado, restringe-se à avaliação crítica de enunciados específicos em nível metalinguístico e fenomenológico, considerando o contexto histórico, social, ideológico e cultural, mas sem nenhuma pretensão prescritivista. Para os propósitos deste artigo, consideramos as diferentes conceituações sobre o *ethos* como complementares.

De acordo com Maingueneau (2020), estudar o *ethos* é avaliar a representação do produtor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. “Ao tomar a palavra, o que um locutor faz, então, é pôr em risco sua imagem e tentar orientar, mais ou menos conscientemente e em um sentido que lhe seja favorável, a interpretação e a avaliação dos signos que envia ao destinatário” (Maingueneau, 2020, p. 9).

Para Amossy (2016), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si” (p. 9). Assim, de acordo com essa perspectiva teórica, o estilo, o conhecimento de mundo e as escolhas linguísticas do produtor do texto são suficientes para construir uma representação da pessoa.

Nesta proposta, considerando orientações teóricas clássicas e contemporâneas, o estudo do *ethos* parte da noção de que o articulista recorre a marcas linguísticas que mobilizam uma imagem que é projetada para conseguir adesão. Reconhecemos, aqui, que a constituição do *ethos* pode ser demonstrada a partir da seleção de marcas que sustentam uma imagem que se quer expressar, como as relacionadas à PPD.

Sobre a PPD, conforme Janner, Costanza e Sutermeister (2015), do ponto de vista puramente gramatical, é sempre o *eu* que fala. Quanto ao *nós*, é o pronome da PPP. Mas é aqui que começam os problemas. Podemos afirmar que *nós* é o plural da PPS, do *eu*, assim como *humanos* é o plural de *humano*? Por meio do termo *humanos*, certamente, designamos a pluralidade de *humano*; o *nós*, contudo, não é uma multiplicação do *eu*. Isso bastaria para afirmar que o *nós* ocupa um lugar

especial dentro do sistema de pessoas do discurso. Neste artigo, propomos que a PPD é a posição assumida pelo produtor do texto, em que se coloca engajado textualmente, com objetivo de construção de uma imagem de si, sendo que as noções de singular e plural decorrem do acionamento de marcas linguísticas observadas no texto.

Segundo Wang e Karimi (2019), as pessoas gramaticais estão relacionadas à noção de referência, que é parte central do significado do texto. As pessoas do discurso podem evocar ou direcionar a atenção para um assunto específico, e fornecem aos leitores informações sobre as principais entidades da mensagem que precisam ser processadas, portanto, afetam a compreensão do texto por parte dos leitores.

Sobre a referencialidade das pessoas do discurso, é fundamental o estudo de Benveniste (1991), que criou um parâmetro para caracterizar a oposição entre as correlações de pessoas verbais: 1) *Correlação de personalidade*, “que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*”; e 2) *Correlação de subjetividade*, “interior a precedente e opondo *eu* a *tu*” (p. 258). Para compreendermos essas correlações, podemos pensar na interação face a face. Em relação à correlação de personalidade, Benveniste observou uma oposição entre *eu/tu* e *ele*, pois, em uma interação entre *eu* e *tu*, ou seja, entre um falante e um ouvinte, o *ele* está fora da alçada dos dois interlocutores, por isso, é classificado por Benveniste como *não pessoa*, pois é objeto do discurso e não participa da interação.

Conforme Benveniste (1991), *eu*, *tu* e *ele* designam formas linguísticas que indicam a *pessoa*. Em relação ao *eu*, o pesquisador afirma que não se refere a um indivíduo particular, mas “a algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor” (Benveniste, 1991, p. 288)⁵.

Quanto à referencialidade da PPP, Benveniste (1991) observou dois principais sentidos relacionados ao *nós* (para o autor, 4ª pessoa): o *nós inclusivo* que significa “a junção da *pessoa não subjetiva* com o *eu* implícito” e o *nós exclusivo*, que significa a junção do *eu* com a “*não-pessoa*” (p. 257). Logo, o *nós inclusivo*, para Benveniste, e para muitos outros linguistas, como Fiorin (1995, 1996), Lopes (1998), Manetti (2015), Marques e Ramos (2015), Fauci (2016), Bini (2023), trata-se de inúmeras possibilidades que envolvem o *eu + tu*, como *eu + vós*; *eu + tu + ele*; *eu + tu + elas*; *eu + vós + eles* etc., enquanto o *nós exclusivo* corresponde a inúmeros grupos em que o *tu* não é incluído, como *eu + ele*; *eu + eles*; *eu + elas* etc., tratando-se, portanto, de descrições dêiticas. Janer, Costanza e Sutermeister (2015) afirmam que, de modo geral, pode-se afirmar que em toda a linguística românica, a quarta pessoa de Benveniste (PPP), com algumas exceções, recebeu pouca atenção.

A referência à PPP, conforme Screti (2015), Manetti (2015), Bossong (2015) e Maurizi (2017), é conceituada como envolvendo o grupo de pessoas instanciado pelo falante. Sobre a identidade desse “grupo de pessoas”, Posio (2012) observa que está sujeita a variações consideráveis, poden-

5 Segundo Benveniste (1991), não há conceito de *eu* que englobe todos os *eu* que se enunciam a todo instante no sentido em que há, por exemplo, um conceito de “árvore” ao qual se reduzem todos os empregos individuais de *árvore*. Assim, o *eu* não denomina nenhuma entidade lexical, pois “é um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como sujeito” (Benveniste, 1991, p. 288). Há que se ressaltar que, ao considerar que o *eu* designa um sujeito linguístico e não um indivíduo em particular, não significa que o *eu* não possa projetar características do *eu* singular na construção da imagem de si, ao contrário: apenas se evidencia o caráter dêítico do pronome pessoal e dos demais elementos linguísticos que materializam a primeira pessoa.

do incluir qualquer ser humano, desde o destinatário até uma TP ou pessoas, uma instituição ou mesmo toda a humanidade. Conforme Screti (2015), o *nós* pode compreender todos os outros pronomes pessoais:

Noi: io + tu + lui + voi + loro;

Noi: io + tu + lui + voi;

Noi: io + tu + lui;

Noi: io + tu;

Noi: io + lui;

Noi: io (SCRETI, 2015, p. 149)⁶.

Segundo Manetti (2015), que realizou discussões essenciais para o entendimento dos fenômenos argumentativos aqui estudados, no pronome *nós*,

si realizza un particolare congiungimento tra l'io e il non-io, porta come prova di questa asserzione quella differenziazione del pronome di prima persona plurale in due forme – il noi inclusivo e il noi esclusivo – che si è creata in molte lingue (p. 29)⁷.

De acordo com Farré (2020), por meio da distinção entre *nós* e *eles*, podemos expressar um certo sentimento de pertencimento, afiliação e inclusão social. Através das indicações de proximidade ou distância, da associação a um *nós* e da dissociação discursiva em relação aos outros, forjamos e gerenciamos a trama de nossa identidade social, na qual os outros podem eventualmente se incorporar como parte do *nós* e participar de uma relação dialógica, guiados a partir da intenção do articulista. Nesse sentido, o pronome *nós* permite articular discursivamente diferentes relações de *inclusão* e *exclusão*, como marcador identitário a serviço da orientação social, mas também funcional à construção ideológica de autodefinições grupais e posicionamentos antagônicos.

Ao considerar a modalidade oral do PB, Lucchesi (2009) apresenta quatro níveis de referencialidade possíveis em relação ao *nós*:

(1) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+específico]

(2) eu [+/- específico]

(3) indeterminação circunscrita [–específico]

(4) indeterminação universal [–específico] (p. 461).

Na categoria (1) de Lucchesi (2009), o referente é constituído por um grupo especificado, ou seja, não só o falante é presente, mas também é acompanhado por outras pessoas especificadas: os ouvintes (vocês) e os não ouvintes (eles). Na categoria (2), há o plural de modéstia, fenômeno que possui classificação consolidada nas gramáticas de cunho prescritivo e que, na perspectiva da

6 “Nós: eu + tu + ele + vós + eles; Nós: eu + tu + ele + vós; Nós: eu + tu + ele; Nós: eu + tu; Nós: eu + ele; Nós: eu” (Screti, 2015, p. 149, tradução nossa).

7 “realiza-se uma particular junção entre o *eu* e o *não-eu*, traz como prova desta afirmação a diferenciação do pronome de primeira pessoa do plural em duas formas - o *nós inclusivo* e o *nós exclusivo* - que foi criada em várias línguas” (Manetti, 2015, p. 29, tradução nossa).

Pragmática trata-se de embreagem actancial da PPP pela PPS (Fiorin, 1995; 1996). Já nas categorias (3) e (4), notamos diferentes níveis de indeterminação: Em (3), há uma indeterminação circunscrita, ou seja, inclui-se no *nós* um determinado grupo, mas sem ficar exatamente claro quais participantes o compõem; já em (4) a indeterminação é genérica, portanto, universal⁸. A pesquisa de Lucchesi (2009) analisa, especificamente, situações de comunicação na modalidade oral-dialogada de uma variação do PB, o português afro-brasileiro, com o propósito descritivista. Contudo, fornece indícios da possibilidade de produtores explorarem essa ambiguidade relacionada à PPP com propósitos argumentativos, conforme demonstrado por Bini e Sella (2019), que observaram que a PPP, aliada ao léxico dos verbos e ao contexto poderia imprimir modalização e diferentes realizações de *ethos* ao texto.

Outro estudo fundamental para a nossa proposta é o de Tang e John (1999), inserido na Pragmática, que discute a relação entre a presença autoral e a PPD. Para os pesquisadores, a PPD é a manifestação mais visível da presença de um escritor em um texto, não sendo uma entidade homogênea. Ademais, o *eu* e o *nós* não são entidades fixas à linguagem, então os produtores podem ser sensibilizados para a possibilidade de constituir diferentes “*eus*” e “*nós*” por meio da escrita. Eles podem se libertar dos moldes reais ou imaginários de comportamento impostos a eles por situações discursivas para ocupar diferentes papéis escolhidos na escrita. Assim, os autores distinguem o *ethos* da persona na escrita: o *ethos* pode se referir a características pessoais projetadas (por exemplo, inteligente, engraçado, responsável etc.), mas apenas às que um leitor atribui ao escritor com base em evidências textuais, e observaram que um produtor pode assumir uma gama de papéis distintos, muitas vezes simultaneamente.

A partir da análise de textos de diferentes gêneros acadêmicos, Tang e John (1999) apresentaram uma tipologia de seis diferentes categorias relacionadas aos pronomes da PPD. Também Taylor e Goodall (2019) destacam seis funções retóricas associadas à PPD: 1) PPD como representante, que se refere à utilização do *eu* ou do *nós* de forma genérica, como o *plural de modéstia*; 2) PPD como guia, quando o produtor utiliza o *eu* ou o *nós* como uma estratégia metadiscursiva, assumindo o papel de guia que direciona o leitor sobre aspectos estruturais do texto; 3) PPD como arquiteto, que se refere aos usos da PPS e da PPP em que o produtor se coloca em primeiro plano, como responsável pelo conteúdo presente no texto; 4) PPD como recontagem do processo de pesquisa, quando o produtor utiliza a PPS ou a PPP para explicitar sua responsabilidade direta sobre o processo metodológico (por meio de verbos como entrevistar, coletar, trabalhar); 5) PPD como formador de opinião, que se refere aos usos da PPS ou da PPP que manifestam opinião ou atitude explícita diante de uma informação (como manifestações de concordância, discordância ou interesse); e 6) PPD como originador, quando o produtor se coloca no papel de responsável por ideias ou reivindicações, reivindicando autoridade. Além disso, Taylor e Goodall (2019) ampliaram de seis para oito as categorias originalmente descritas por Tang e John (1999), considerando a associação entre o nível de poder e a presença autoral na PPD: 7) estratégia de reconhecimento de apoio; e 8) expressão de gratidão ou de benefícios próprios.

Consideramos que as pesquisas discutidas nesta seção contribuem para a descrição de realizações de *ethos*, por meio da PPS e da PPP, especificamente, a partir de duas etapas. A primeira tem

8 A pesquisa de Mendonça (2018) identificou que a inclusão do falante em referentes genéricos funciona como estratégia de polidez, em que o falante se aproxima ou se distancia do conteúdo proposicional, conforme negociações necessárias para o equilíbrio da comunicação, preservando as faces dos interlocutores.

ARTÍCULO

caráter identitário e orienta a construção do *ethos*, seja por meio da PPS ou de diferentes tipos da PPP. Um articulista pode manifestar seu *ethos* individualmente, na PPS, ou ligando-o a diversos grupos, como por meio da PPP com função *inclusiva*, colocando-se como integrante do grupo da audiência, ou da PPP com função *exclusiva*, de modo a ancorar a credibilidade a outrem. Classificamos, nesta etapa, as *marcas de construção de ethos*, que são identificáveis no cotexto.

A segunda etapa tem caráter circunstancial e está relacionada à maneira como o produtor gerencia a imagem produzida de si, adequando-a à audiência, aos propósitos argumentativos e ao contexto. Entendemos que correspondem a essa etapa a mobilização de estratégias elocucionais e o gerenciamento das expectativas da audiência suposta. Classificamos, nessa etapa, *propostas de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de ethos*, que são identificáveis também no cotexto, mas cujo sucesso retórico está diretamente ligado ao conhecimento que o produtor possui sobre a doxa e às particularidades de cada audiência. A reflexão teórica aliada às análises evidenciou a necessidade de adaptação de algumas categorias linguísticas apresentadas nesta seção, para evitar interpretações equivocadas, uma vez que não foram pensadas enquanto categorias retóricas. As adaptações e novas propostas são apresentadas na seção a seguir.

4. MARCAS E MOBILIZADORES DE CONSTRUÇÃO DE ETHOS

Nos dossiês das revistas *Cult* e *Nova Águia*, a PPD se desdobra em marcas (PPS e PPP) que evidenciam a construção da imagem do produtor ou uma imagem coletiva. Com base na orientação teórica nas propostas de Benveniste (1991), Fiorin (1995, 1996), Lucchesi (2009), Manetti (2015), Fauci (2016), Fowler e Kress (2019) e Bini e Sella (2019, 2024), entendemos que as realizações linguísticas da PPD ocorrem conforme as marcas de construção de *ethos* dos Quadros 1 e 2.

Quadro 1. Marca de construção de *ethos* na PPS

Singular de Exclusividade	Refere-se unicamente ao produtor.	Ex.: “Curioso, demasiado curioso e desde a infância um leitor obsessivo, eu tinha diante de mim alguém que acolheu uma demanda por saber” (<i>Dossiê Benedito Nunes, Cult</i>).
---------------------------	-----------------------------------	---

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Quadro 2. Marcas de construção de *ethos* na PPP

Plural de modéstia	Refere-se unicamente ao produtor, embora na marca do plural.	Ex.: “Carlos de Oliveira, escritor neorrealista português que nos serve de epígrafe, foi um assíduo leitor de Graciliano Ramos” (<i>Dossiê O imenso Graça, Cult</i>).
Plural de inclusão	Refere-se a produtor + audiência.	Ex.: “E agora todos poderemos ler esta missiva de Graciliano e Oscar Mendes, enviada de Maceió, a 5 de abril de 1935, e ficar com tal inquietude sobre as possibilidades e limites da arte e da realidade” (<i>Dossiê O imenso Graça, Cult</i>).
Plural de exclusão	Refere-se à exclusão da audiência com relação à junção do produtor + participantes virtuais.	Ex.: “Dispúnhamos ainda todos nós de uma Biblioteca excepcional, rica no âmbito das Humanidades, a qual havia sido reunida pelo reitorado (1929-1958) de Antônio Bartolomeu Gromicho, no longo período em que exerceu as suas funções, pondo à nossa disposição um acervo de mais de onze mil volumes (<i>Dossiê Fidelino de Figueiredo, Nova Águia</i>).

ARTÍCULO

Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão	Refere-se a <i>produtor + audiência + participantes indeterminados circunscritos</i> .	Ex.: “Nós, Portugueses ou Lusíadas, fomos vistos, retratados e lidos por dois grandes poetas, muito próximos na sensibilidade, ainda que distantes no tempo: Bernardim Ribeiro e António Nobre, dois poetas mais próximos do sentimento que da racionalidade, mas da fantasia que do real” (<i>Dossiê António Nobre e Raul Brandão, Nova Águia</i>).
Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão	Refere-se a <i>produtor + participantes indeterminados circunscritos</i> .	Ex.: [...] “este texto como ilustração da coerência e da inteireza hermenêutica não ultrapassados da nossa amiga – a mais respeitável pensadora e erudita portuense – e para fazer notar – já lá vão 25 anos – que convidámo-la a escrever, em verdade, para o jornal Primeiro de Janeiro – onde era jornalista – sobre a excepcional obra de José Marinho, elíptico pensador vinculado à hermenêutica filosófica e filosofia hermenêutica” (<i>Dossiê Dalila Pereira da Costa, Nova Águia</i>).
Plural de Indeterminação universal	Refere-se a <i>produtor + generalizações + audiência</i> .	Ex.: “Mas sem querer defrontar o feminismo, mas também para o não provocar, sabia que seria indispensável aligeirar um pouco o amargo e retirar alguns espinhos dos poemas, afinal nós somos muitas vezes a face doce e materna de Deus” (<i>Dossiê Dalila Pereira da Costa, Nova Águia</i>).

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

As marcas analisadas representam estratégias que indicam a construção da categoria retórica *ethos*. A análise fica circunscrita aos textos que compõem o *corpus* e, somente nesse sentido, representam propósitos argumentativos dos produtores, no intuito de criarem uma imagem positiva no ambiente que os textos em questão proporcionam.

Diferentemente do *Singular de exclusividade* e do *Plural de modéstia*, que se refere apenas ao produtor, o *Plural de inclusão*, o *Plural de exclusão*, o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, o *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* e o *Plural de Indeterminação universal* são grupos virtuais projetados pelo articulista. A expressão “grupo virtual” é utilizada, neste artigo, para indicar a estratégia retórica do produtor de integrar-se em diferentes grupos, para conquistar a adesão da audiência por meio da associação da própria imagem à imagem de um grupo inferido pelo articulista.

No caso das marcas de construção de *ethos Plural de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* e *Plural de Indeterminação universal*, os grupos são virtuais na medida em que, no *corpus*, a audiência é especulada. No caso das marcas de construção do *ethos Plural de exclusão* e *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, há também a possibilidade da construção de grupos virtuais, uma vez que o produtor pode associar a própria imagem à imagem de não participantes da audiência.

Por meio dessas marcas, o produtor reivindica, de forma implícita ou explícita, uma relação de engajamento, comprometimento e responsabilidade sobre o dito, de forma gradativa. Notamos, no *corpus*, que aspectos pragmáticos relacionados ao *logos* e ao *pathos* mobilizam a construção de diferentes *ethé*, os quais classificamos como *mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para a construção de ethos*.

Com base na orientação teórica das propostas de Tang e John (1999), Posio (2011), Screti (2015), Stewart (2015), Manetti (2015), Marques e Ramos (2015), Marques e Duarte (2016), Soares (2016), Fauci (2016), Maurizi (2017), Fowler e Kress (2019) e Taylor e Goodall (2019), propomos a aferição a partir de 10 *mobilizadores* de ocorrência, em que o 1 imprime uma presença

ARTÍCULO

autoral menos poderosa e o 10 imprime uma presença autoral mais poderosa, conforme o Quadro 3.

Quadro 3. Propostas de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de *ethos*

(1) <i>Delimitação de autoria</i>	Assumir a escritura do texto.	Ex.: “Vejam os quais são estes pontos nucleares, citando Dalila referindo-se às suas experiências místicas e visionárias” (<i>Dossiê Dalila Pereira da Costa, Nova Águia</i>).
(2) <i>Indicação de deferência</i>	Registrar deferência.	Ex.: “Devo a Ângelo Alves o primeiro contacto com Dalila Pereira da Costa (<i>Dossiê Dalila Pereira da Costa, Nova Águia</i>).
(3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais</i>	Atestar evidência sobre fatos pessoais, que podem ou não expressar afetividade.	Ex.: “Rindo muito, entre desculpas e afagos na cachorra, me levantei, sentei em outra cadeira, deixando a cadeira dela livre” (<i>Dossiê Benedito Nunes, Cult</i>).
(4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem</i>	Atestar evidência sobre fatos vinculados a pessoas externas à interação textual, que podem ou não expressar afetividade.	Ex.: “Demos risadas com os temas de suas crônicas, e ela incorporou o dr. Fritz, um médico que falava com sotaque alemão nos textos escritos para o jornal” (<i>Dossiê Hilda Hilst, Cult</i>).
(5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações</i>	Registrar o protagonismo pessoal de intenções, decisões, propósitos e ações não relacionadas à escritura do texto.	Ex.: “Optei por abrir múltiplas frentes de atuação que dessem conta, dentro do possível, dos diferentes estágios de cada universo deste legado” (<i>Dossiê Hilda Hilst, Cult</i>).
(6) <i>Indicação de expressões integrativas</i>	Criar uma dimensão didática e de solidariedade entre o produtor e os leitores.	Ex.: “Convidamos o leitor a refletir sobre a relação entre estética e política na obra de Graciliano Ramos” (<i>Dossiê O imenso Graça, Cult</i>).
(7) <i>Indicação de argumento elogioso</i>	Registrar avaliações de cunho positivo.	“É por isso que Dalila, na melhor tradição portuguesa, defende que a alma do nosso povo se encontra na nossa poesia e religião e não em qualquer pensamento especulativo, analítico, científico ou filosófico” (<i>Dossiê Dalila Pereira da Costa, Nova Águia</i>).
(8) <i>Indicação de argumento depreciativo</i>	Registrar avaliações de cunho depreciativo.	Ex.: “Sempre um ser político, Mora dedica contos e novelas à resistência às ditaduras, e talvez essa seja a qualidade que mais o aproxima dos tempos duros em que vivemos” (<i>Dossiê Hilda Hilst, Cult</i>).
(9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos</i>	Direcionar a audiência a realizar uma ação ou a interpretar um determinado fenômeno conforme o interesse do produtor.	Ex.: “Nesta análise, devemos ter igualmente presente que, do ponto de vista de Fidelino, um novo conhecimento, uma nova técnica ou uma nova teoria só constituem elementos de cultura se forem realmente interiorizados pelo “caudal colectivo”, caso contrário, se forem apenas pertença do domínio restrito dos iniciados, não integram a cultura” (<i>Dossiê Fidelino de Figueiredo, Nova Águia</i>).
(10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade</i>	Assegurar a credibilidade das afirmações e percepções sobre fenômenos por meio da reivindicação da responsabilidade pessoal.	Ex.: “Concluindo este apontamento, eu direi: António Nobre é um poeta de sugestibilidade impressionante” (<i>Dossiê António Nobre e Raul Brandão, Nova Águia</i>).

Fonte: Quadro elaborado pelos autores

Verificamos que esses mobilizadores podem, ao mesmo tempo, acionar determinadas marcas linguísticas da PPS e da PPP e ancorar diferentes *ethé*. As diferentes mobilizações da PPD são

influenciadas por diferentes relações de poder, presentes em qualquer interação discursiva. As posições, em textos do gênero dossiê, são móveis, mas não podemos desconsiderar a correlação assimétrica de forças entre quem escreve e quem lê, pois há sempre um polo que se sobrepõe ao outro, mas nunca em uma condição estática. Também consideramos que uma presença autoral mais poderosa não significa necessariamente maior sucesso retórico. Para projetar sua imagem, o articulista considera as expectativas da audiência possível/provável e alia seus propósitos argumentativos às estratégias retóricas possivelmente mais eficazes naquele gênero.

A realização de *ethos* a partir das marcas *Singular de Exclusividade*, *Plural de modéstia*, *Plural de inclusão*, *Plural de exclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* e *Plural de Indeterminação universal*, vinculadas aos mobilizadores do Quadro 3, ocorre conforme os propósitos argumentativos do articulista, imprimindo diferentes *ethé* e funções retóricas. Assim, as propostas teóricas dos Quadros 1, 2 e 3 não correspondem à descrição de possíveis *ethé*, mas de marcas de construção de *ethos* e de *mobilizadores* que, quando combinados e adequados aos propósitos argumentativos do produtor, em um contexto delimitado, constituem imagens de si e funções retóricas.

Assim, neste artigo, a descrição de funções retóricas da PPS e da PPP se refere à descrição da forma como é instigada a adesão da audiência, por meio de marcas de construção de *ethos* vinculadas a determinados mobilizadores, os quais podem estar vinculados ao gênero, ao estilo, ao contexto etc., mas que são identificáveis no cotexto, nos recortes que compõem o *corpus*.

No *corpus*, verificamos que cada ocorrência da PPS ou da PPP está vinculada a apenas uma única marca de construção de *ethos*, mas que pode estar associada a mais do que um mobilizador. Nos recortes analisados, verificamos que as diferentes vinculações de *marcas de construção de ethos* a *mobilizadores* de ocorrência da PPS e da PPP imprimem diferentes funções retóricas, que, no texto, constroem progressivamente realizações de *ethé*.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização das marcas de PPS e PPP para a construção de *ethos* destaca como as escolhas linguísticas refletem e moldam as estratégias retóricas dos produtores, contribuindo para a teoria da retórica contemporânea e da pragmática linguística. Primeiramente, a predominância da PPS para a construção de *ethos* individual sugere uma reafirmação sobre a correlação de personalidade e subjetividade **já apontada em estudos da Linguística Enunciativa**. A utilização do *eu* em contextos em que o articulista assume responsabilidade direta reforça a ideia de que a PPS é uma ferramenta poderosa para a construção de uma identidade autoral assertiva. Isso corrobora o Estado da Arte consultado, em especial estudos da Pragmática, como a pesquisa de Tang e John (1999), que apontam a PPS como a manifestação mais visível da presença do escritor no texto. A escolha da PPS como *Singular de Exclusividade* **não** só reforça a autoridade do articulista, mas também pode potencializar a eficácia persuasiva do discurso.

Por outro lado, a ênfase na PPP para a construção de um *ethos* coletivo e inclusivo expande a compreensão da referencialidade plural discutida por pesquisas como as Fiorin (1996) e Lucchesi (2009). A utilização do *nós* inclusivo e suas variantes de *indeterminação circunscrita* e *universal* ilustra como a PPP pode ser estrategicamente utilizada para criar um senso de comunidade e engajamento entre o produtor e a audiência. Isso apoia a teoria de que a PPP possui uma multifun-

ARTÍCULO

cionalidade que vai além da simples indicação de pluralidade, servindo como um recurso retórico para a construção de solidariedade e coesão social no discurso.

A presença de marcas como o *Plural de Indeterminação Circunscrita de Exclusão* sugere uma abordagem mais complexa para a construção de *ethos*. Esta estratégia aponta para uma maior nuance na utilização das marcas de PPP, em que o produtor se alinha a um grupo específico sem incluir a audiência de forma explícita. Tal abordagem é consistente com as observações de Main-gueneau (2020) sobre o *ethos* como uma representação do produtor que é projetada de maneira a orientar a interpretação do destinatário. A utilização dessa marca sugere uma dinâmica discursiva em que o articulista constrói sua credibilidade por meio de associações implícitas a figuras ou grupos de prestígio.

Os mobilizadores identificados também contribuem para a compreensão teórica das funções retóricas no discurso. A prevalência de mobilizadores que indicam ações e memórias pessoais sugere uma estratégia de aproximação que humaniza o produtor e potencializa a empatia do leitor. Isso está alinhado com a teoria de que a personalização do discurso pode aumentar a adesão da audiência ao *ethos* construído. A ênfase em mobilizadores que indicam recomendações e direcionamentos reflete uma abordagem mais autoritária e prescritiva, reforçando a hipótese de que a orientação explícita da audiência pode aumentar a persuasividade do discurso.

Os achados deste estudo ampliam o entendimento sobre as nuances e multifuncionalidades dessas marcas linguísticas. A análise evidencia como as escolhas linguísticas são moldadas por contextos discursivos específicos e como essas escolhas impactam a eficácia retórica do discurso. Essas implicações teóricas são fundamentais para o desenvolvimento futuro de estudos sobre retórica, pragmática e análise do discurso, especialmente em contextos interculturais e comparativos.

A análise evidencia que a PPS e a PPP são marcas linguísticas que indicam uma certa postura do produtor do texto, uma vez que representam o *ethos* que está sendo construído; por isso, são recursos linguísticos multifuncionais que se adequam aos propósitos argumentativos do produtor do texto e encenam imagens de si ora impositivas ora modestas.

Constatamos que a PPD permite, aos articulistas, disfarces, que podem ser classificados e avaliados no cotexto, e se presta a diversos usos argumentativos. Enquanto alguns produtores explicitam a responsabilidade sobre o posicionamento por meio da PPS, com a marca de construção de *ethos Singular de exclusividade*, outros se recusam a assumir a responsabilidade do dizer *eu* (e dizem *nós*). Nos textos analisados, são seis as possibilidades retóricas vinculadas à **PPP para a construção de *ethos*: Plural de modéstia, Plural de inclusão, Plural de exclusão, Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão, Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão e Plural de Indeterminação universal.**

A comparação entre os dossiês da *Cult* e da *Nova Águia* evidencia que a maior parte das marcas de construção de *ethos* está presente, em maior ou menor número, nas revistas portuguesas e brasileiras. A exceção é a marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, presente em todos os dossiês da *Nova Águia*, mas em nenhum da *Cult*. A marca presente apenas nos dossiês portugueses se refere às **marcas linguísticas da PPP que constroem um *ethos*** associado a um grupo virtual composto pelo produtor do texto + um determinado grupo em que não é possível explicitar seus participantes (sem a inclusão da audiência).

Além disso, o *corpus* revelou que a mobilização de diferentes tipos de marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP possibilita aos produtores dos dossiês modular a proeminência da imagem construída de si. Observamos que, nos dossiês, quando a PPD não é utilizada, o enfoque

principal está centrado no argumento, enquanto os pronomes pessoais do caso reto imprimem maior proeminência ao articulista. Assim, as demais marcas linguísticas da PPD estabelecem um nível intermediário de focalização entre o argumento e o *ethos*.

A focalização da atenção explica fenômenos ligados ao uso de pronomes pessoais da PPD, como as diferenças atestadas na frequência de determinadas marcas linguísticas da PPP com diferentes funções retóricas, uma vez que o uso explícito dos pronomes pessoais do caso reto aumenta o peso argumentativo de um dado enunciado e a proeminência do *ethos*. Constatamos, no *corpus*, por exemplo, a ausência de ocorrências do pronome pessoal do caso reto *nós* que correspondam ao *Plural de modéstia*, o que contribui para a atenuação da imagem construída pelos produtores que optam por essa marca.

Também propomos a aferição das marcas de construção de *ethos* na PPD em 10 mobilizadores, em que o 1 imprime uma presença autoral menos poderosa e o 10 imprime uma presença autoral mais poderosa, conforme o Quadro 4.

Quadro 4. Mobilizadores de ocorrência da PPD utilizados para a construção de *ethos* nos dossiês

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)
Delimitação de autoria	Indicação de deferência	Indicação das próprias ações e de memórias pessoais	Indicação de memórias ligadas a outrem	Indicação de intenções, decisões e ações	Indicação de expressões integrativas	Indicação de argumento elogioso	Indicação de argumento depreciativo	Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos	Declaração de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade
<i>Ethos menos proeminente</i>									<i>Ethos mais proeminente</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise evidencia que, ao optar por imprimir no texto uma imagem de si mais proeminente, o produtor consequentemente opta por associar-se a maiores riscos retóricos, como a possibilidade de a audiência percebê-lo como arrogante ou, até mesmo, desconsiderar a argumentação por não confiar na credibilidade do responsável pelas afirmações.

Ademais, construir a própria imagem é também gerenciamento de relações, em que o articulista pode moderar a recorrência de ancoragem da responsabilidade sobre o dito a si mesmo, seja por meio da escolha de marcas de construção de *ethos* em que é possível compartilhar essa responsabilidade, seja por meio de mobilizadores relacionados a uma presença menos poderosa.

Os dados do *corpus* evidenciaram que a combinação das marcas e dos mobilizadores, aliados aos propósitos argumentativos do produtor, constituem inúmeras realizações potenciais de *ethé* e funções retóricas. Diante das alternativas, constatamos que um único articulista pode construir inúmeras representações de si, adequadas a diferentes propósitos argumentativos e gerenciando diferentes relações com a audiência. Assim, na Figura 1, esquematizamos como os *mobilizadores*, vinculados às marcas de construção de *ethos* aderem multifuncionalidade retórica à PPD; enquanto, no Quadro 5, sintetizamos a construção de *ethos* por meio da PPD nos dossiês analisados.

ARTÍCULO

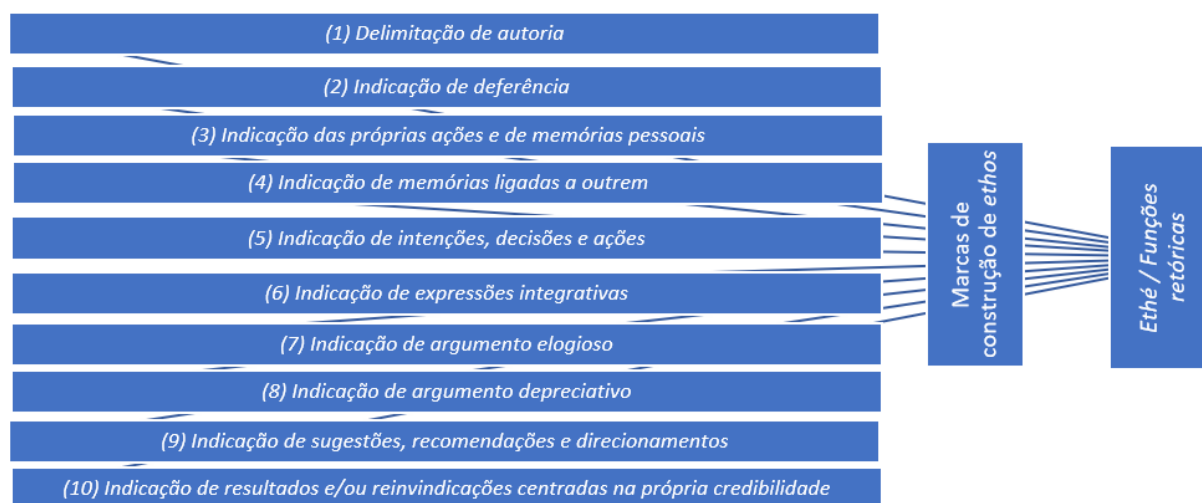


Figura 1. Multifuncionalidade retórica da primeira pessoa do discurso
 Fonte: Elaborado pelos autores

Quadro 5. Construção de *ethos* na PPD nos dossiês

PPS	PPP					
Marcas menos multifuncionais de construção de <i>ethos</i> (referem-se apenas ao produtor)	Marcas mais multifuncionais de construção de <i>ethos</i> (referem-se ao produtor + não-produtor)					
	Marcas de construção de <i>ethos</i> na PPP que excluem a audiência		Marcas de construção de <i>ethos</i> na PPP que incluem a audiência			
Singular de Exclusividade	Plural de modéstia	Plural de exclusão	Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão	Plural de inclusão	Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão	Plural de Indeterminação universal
+ ou – poder: - <i>poder</i> [mobilizadores 1 a 5] + <i>poder</i> [mobilizadores 6 a 10]						

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme visualizado no Quadro 5, há sete marcas de construção de *ethos* por meio da PPD. Uma ligada à PPS e seis ligadas à PPP. Por meio da Figura 1, observamos que todas as marcas são multifuncionais quando vinculadas aos mobilizadores. Contudo, as análises demonstraram que algumas marcas são *mais multifuncionais* e outras *menos multifuncionais*. As classificadas como *menos multifuncionais* são as que se referem, exclusivamente, ao produtor, portanto, o *Singular de exclusividade* e o *Plural de modéstia*.

As marcas *mais multifuncionais* de construção de *ethos* foram assim classificadas considerando as copiosas alternativas de grupos virtuais que um produtor pode se associar para construir a imagem de si, que vão desde mais uma pessoa até toda a humanidade. Também essas marcas se dividem em duas formas, que constituem estratégias retóricas diferentes: as marcas de construção

de *ethos* na PPP que excluem a audiência – *Plural de exclusão* e *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* – e as marcas de construção de *ethos* na PPP que incluem a audiência – *Plural de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* e *Plural de Indeterminação universal*.

Ademais, todas essas combinações somam-se a construções de *ethé* mais ou menos poderosas, a partir dos mobilizadores, que nos dossiês analisados foram classificados de 1 a 10; e podem se manifestar por meio do *ethos prévio*, do *ethos dito de si mesmo* e do *ethos discursivo*, a depender da intenção do produtor do texto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, descrevemos como a PPS e a PPP representam funções retóricas e como atuam na construção de *ethos* em recortes de dossiês das revistas *Cult* e da *Nova Águia*. A análise evidencia que a PPS e a PPP indicam a postura do produtor do texto, uma vez que auxiliam na construção da imagem de si pretendida. A opção pela primeira pessoa aciona marcas linguísticas que vão sendo ajustadas aos propósitos do produtor do texto e possibilitam a encenação de imagens de si.

Identificamos sete marcas de construção de *ethos*, sendo uma vinculada à PPS e seis vinculadas à PPP. Também propomos a classificação de 10 mobilizadores para as ocorrências da PPS e da PPP utilizados para a construção de *ethos*, em que é possível aferir uma escala retórica gradativa. Cada uma das sete marcas de construção de *ethos*, associada a diferentes mobilizadores, imprime, no *corpus*, funções retóricas e *ethé*, cujas possibilidades foram descritas neste artigo. Constatamos que a PPD permite, aos articulistas, disfarces, que podem ser classificados e avaliados no cotexto, que se prestam a diversos usos argumentativos.

Os achados deste estudo oferecem implicações teóricas para a compreensão da construção de *ethos* na PPS e na PPP. A utilização dessas marcas destaca como as escolhas linguísticas refletem e moldam estratégias retóricas. Os mobilizadores identificados também contribuem para a compreensão teórica das funções retóricas no discurso. Essas descobertas ampliam o entendimento sobre as nuances e multifuncionalidades da PPS e da PPP, evidenciando como as escolhas linguísticas são moldadas por contextos discursivos específicos e como impactam a eficácia retórica do discurso. Sugerimos que pesquisas futuras considerem a aplicação dessas análises em outros gêneros textuais e contextos culturais, ampliando a compreensão das estratégias retóricas de construção de *ethos*.

REFERÊNCIAS

- Amossy, R. (2016) O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. Amossy, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, (pp. 119-144). São Paulo: Contexto.
- Aristóteles (2017). *Retórica*. Tradução, textos adicionados e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO.
- Bini, R. P.; Sella, A. F. (2019). Primeira pessoa do plural em dossiê da revista *Cult*: traços de modalização epistêmica e de diferentes instâncias de sentido vinculadas às categorias *ethos*, *pathos* e *logos* da Retórica. *Fórum Lingüístico*. 16(4), 4135-4151. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n4p4135>.

ARTÍCULO

- Bini, R. P. (2023). *Eu (e nós) proteano: funções retóricas da primeira pessoa do discurso e a construção de ethos em dossiês das revistas Cult e Nova Águia*. [Tese de doutorado, Unioeste].
- Bini, R. P.; Sella, A. F. (2023a). Nós da nação: A busca pela adesão da audiência por meio do pathos nacionalista em dossiês das revistas Cult (Brasil) e Nova Águia (Portugal). *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, 23(1), 190-209. <https://doi.org/10.47369/eidea-23-1-3699>.
- Bini, R. P.; Sella, A. F. (2023b). *Retórica e ensino: estratégias de transposição teórica*. Pedro & João Editores. <https://doi.org/10.51795/9786526507506>.
- Bini, R. P.; Sella, A. F. (2024). Plural de modéstia em sujeito oculto: marca de constituição atenuada da proeminência autoral. *Revista De Filología Y Lingüística De La Universidad De Costa Rica*, 50(1), e57628. <https://doi.org/10.15517/rfl.v50i1.57628>.
- Benveniste, E. (1991). *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas-SP.
- Bossong, G. (2015). Nosotros, un panorama tipológico. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos*. (pp. 45-70) Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques Internationales.
- Cult (2023). *Sobre*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/sobre/>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- Dascal, M. (2016). O *ethos* na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. Amossy, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, (pp. 57-92). São Paulo: Contexto.
- Farré, J. A. G. R. (2020). Los otros en nosotros y la gramática de la primera persona del plural. *Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*, 46(1), 195-216
- Fauci, N. L. (2016). Noi, persona politica. *Associazione per la Storia della lingua italiana (ASLI). L'italiano della politica e la politica per l'italiano*, (pp. 387-400). Napoli: Franco Cesati Editore.
- Fiorin, J. L. (1996). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.
- Fiorin, J. L. (1995). A pessoa subvertida. *Língua e Literatura*, 21, 77-107.
- Fowler, R.; Kress, G. (2019). Critical linguistics. Fowler, R.; Hodge, B.; Kress, G.; Trew, T. *Language and control*. (pp. 185-212). New York: Routledge.
- Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (2015). Une persone à multiples facettes. Introduction. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos*. (pp. 7-22). Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques Internationales.
- Lopes, C. R. S. (1998). Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, 14(2) São Paulo, 405-422.
- Lucchesi, D. (2009). A representação da primeira pessoa do plural. Lucchesi, D.; Baxter, A.; Ribeiro, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. (pp. 457-469). Salvador: EDUFBA.
- Maingueneau, D. (2016). Ethos, cenografia, incorporação. Amossy, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (pp. 69-92). São Paulo: Contexto.
- Maingueneau, D. (2020). *Variações sobre o ethos*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola.
- Manetti, G. (2015). Il noi tra enunciazione, indessicalità e funzionalismo. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos*. (pp. 23-42). Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales.

ARTÍCULO

- Marques, M. A.; Duarte, I. M. (2016). Dêixis e valores enunciativo-pragmáticos dos predicados verbais no discurso académico. In: Rei, X. M. S.; Marques, M. A. (org.). *As ciências da linguagem no espaço galego-português: diversidade e convergência*. (pp. 179-208). Braga-PT: Universidade do Minho.
- Maurizi, B. (2017). *La prima persona plurale nei discorsi dei politici italiani: dalla prima alla seconda Repubblica*. 129f. Tese apresentada ao Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari, da Università degli Studi di Padova. Disponível em: http://tesi.cab.unipd.it/56817/1/Beatrice_Maurizi_2017.pdf. Acesso em 23 jun. 2020.
- Marques, M. A.; Ramos, R. (2015). Marcas deícticas da presença do locutor no discurso científico. Dissertações de mestrado apresentados na Universidade do Minho. *Redis: revista de estudos do discurso*, (4), 144-167.
- Mateus, S. (2018). *Introdução à Retórica no Séc. XXI*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Melo, J. M.; Assis, F. (2016). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Revista Intercom – RBCC*. São Paulo, 39(1), 39-56.
- Mendonça, J. J. (2018) Interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, 4(2), 45-54
- Meyer, M. (2007). *A retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática.
- Mosca, L. L. S. (2001). Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. Mosca, L. L. S. *Retóricas de ontem e de hoje*. (pp. 17-54). São Paulo: Humanitas.
- Perelman, C.; Olbrechts-Tyteca, L. (2017). *Tratado da argumentação: a Nova Retórica*. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Platão (2015). *Górgias*. Livro de domínio público.
- Posio, P. (2011). Spanish subject pronoun usage and verb semantics revisited: First and second person singular subject pronouns and focusing of attention in spoken Peninsular Spanish. *Journal of Pragmatics*, 43, 777-79.
- Posio, P. (2012). Who are 'we' in spoken Peninsular Spanish and European Portuguese? Expression and reference of first person plural subject pronouns. *Language Sciences*, 34, 339-360.
- Quintiliano, M. F. (2015). *Instituciones oratorias*. Traducción de Ignacio Rodríguez y Pedro Sandier. Madrid: Moris Polanco.
- Screti, F. (2015). Noi: Il pronome della nazione. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos*. (pp. 145-175). Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales.
- Soares, N. M. M. (2016). *Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos*. Curitiba: Appris.
- Stewart, M. (2015). Pronombres de poder y de solidaridad: El caso de la primera persona plural nosotros. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos*. (pp. 117-198). Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales.
- Tang, R.; John, S. (1999). The 'I' in identity: exploring writer identity in student academic writing through the first person pronoun. *Pergamon. English for Specific Purposes*, 18, 23-39.
- Taylor, H.; Goodall, J. (2019). A preliminary investigation into the rhetorical function of 'I' in different genres of successful business student academic writing. *Journal of English for Academic Purposes*, 38, 135-145.

Wang, F.; Karimi, S. (2019). This product works well (for me): The impact of first-person singular pronouns on online review helpfulness. *Journal of Business Research*, 104, 283–294.

Zéfiro (2020). *Revista Nova Águia*. Disponível em: <https://zefiro.pt/as-nossas-colecoes-zefiro-revista-nova-aguia>. Acesso em: 20 jul. 2020.